

# AMBIENTE E VÍNCULO: O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO BEBÊ NA PERSPECTIVA DE WINNICOTT

Amanda Lima Amorim Brabo<sup>1</sup>  
Thiele dos Santos Moreira<sup>2</sup>  
Prof. Me. José Wellington dos Santos<sup>3</sup>  
Profa. Dra. Thais Caroline Attaide Lacerda<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho busca compreender a importância dos primeiros vínculos afetivos, especialmente entre mãe e bebê, no desenvolvimento emocional das crianças. A partir de uma perspectiva psicanalítica, com destaque para a teoria de Donald Woods Winnicott, exploramos como a qualidade dessa relação inicial é fundamental. Winnicott destaca, a partir da ideia de “mãe suficientemente boa”, que os cuidados maternos permitem à criança desenvolver a resiliência necessária para lidar com os desafios da vida. Essa concepção nos convida a refletir sobre o papel do cuidador, não como alguém que deve ser impecável, mas como alguém que se esforça para criar um ambiente de amor e segurança, aceitando as próprias limitações. O papel do pai, muitas vezes esquecido ou limitado a um mero provedor, é igualmente transformador.

**Palavras-chave:** desenvolvimento; vínculo; psicanálise; interação mãe-bebê; família.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa discutir a importância dos primeiros vínculos para o desenvolvimento afetivo da criança, destacando o papel da família no processo de maturação emocional do bebê. O projeto foi conduzido sob um viés psicanalítico, utilizando como destaque o referencial teórico de Donald Woods Winnicott<sup>5</sup> pelas suas contribuições no desenvolvimento sadio da criança. Segundo este autor, as falhas no desenvolvimento ou a falta dessa mãe descrita por ele como “mãe suficientemente boa” trarão consequências, dentre elas, o prejuízo na maturidade psíquica da criança.

Em sua obra “O Ambiente e o Processo de Maturação” (1965), Winnicott aborda a importância do ambiente na formação do indivíduo, enfatizando como o ambiente familiar e social influencia o desenvolvimento emocional e psicológico da criança.

Winnicott explora como a interação com o ambiente, especialmente com a mãe ou o cuidador primário, é crucial para o desenvolvimento saudável da criança. Ele introduz conceitos como “mãe suficientemente boa” e a importância do ambiente de *holding*<sup>6</sup>, descrevendo também como a maturação ocorre em estágios e como o

1 Autora: Graduada em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA). E-mail: [Amandaamorimlima@outlook.com](mailto:Amandaamorimlima@outlook.com).

2 Autora: Graduada em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA). E-mail: [Moreirathiele@gmail.com](mailto:Moreirathiele@gmail.com).

3 Orientador: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Especialista em psicopedagogia; Mestrado em Ciências da Religião. E-mail: [jose.santos@uca.edu.br](mailto:jose.santos@uca.edu.br).

4 Coorientadora: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Doutora em Ciências pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. E-mail: [thais.lacerda@uca.edu.br](mailto:thais.lacerda@uca.edu.br).

5 Donald Winnicott (1896-1971) foi um médico pediatra e psicanalista britânico reconhecido por suas contribuições nos estudos sobre o desenvolvimento emocional infantil. (Steinwurz, s/d).

6 Holding refere-se ao cuidado integral que o bebê recebe nos primeiros momentos de vida, abrangendo proteção física, acolhimento emocional e suporte psíquico. Esse cuidado, oferecido pela mãe ou cuidador, cria um ambiente de segurança e continuidade, essencial para o desenvolvimento de um self integrado e confiante. O holding permite que o bebê confie no mundo e nas relações, sendo fundamental para sua saúde emocional. Quando falho, pode gerar insegurança e prejuízos no desenvolvimento psíquico para toda a vida do indivíduo (Kloutau; Salem, 2009).

suporte adequado em cada fase é essencial para o desenvolvimento de um *self*<sup>7</sup> autêntico e integrado. Termos como “transicionalidade”, “espaço transicional” e “objeto transicional” são apresentados, ilustrando como os objetos e espaços intermediários ajudam na transição entre a dependência e a independência. Winnicott também discute como ambientes desfavoráveis ou traumáticos podem prejudicar o processo de maturação, levando a problemas emocionais e de comportamento (Winnicott, 1983).

Este artigo tem como objetivo principal compreender o papel da família, sobretudo as primeiras interações mãe-bebê, no desenvolvimento psicológico infantil a partir de uma perspectiva psicanalítica, destacando o processo de maturação emocional da criança. Esse trabalho será fundamentado em uma revisão bibliográfica com base em material preexistente, principalmente proveniente de livros, artigos científicos e outras fontes pertinentes. Visamos avaliar a importância da presença da família no desenvolvimento emocional infantil, levando em conta todas as fases durante esse período de maturação e o cuidado necessário para que essas crianças tenham a vida psíquica mais saudável possível.

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho é relevante na medida em que traz um estudo baseado em pesquisa e observações clínicas de um autor importante dentro do campo psicanalítico, que contribui para a compreensão do desenvolvimento emocional e psíquico do ser humano. No âmbito pessoal, a relevância desta pesquisa consiste na aplicação prática em ambiente clínico, no qual o conhecimento do ciclo do desenvolvimento vital, especialmente na infância, é essencial para a compreensão das origens do sofrimento psíquico dos pacientes.

## **2 DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA: PRIMEIRAS RELAÇÕES MÃE-BEBÊ; A MÃE SUFICIENTEMENTE BOA, E O AMBIENTE INSUFICIENTEMENTE BOM**

### **2.1 O pensamento de Donald Woods Winnicott**

Donald Woods Winnicott nasceu na Grã-Bretanha, em 7 de abril de 1896, e faleceu em Londres em 25 de janeiro de 1971. Médico pediatra e psicanalista, desenvolveu seus estudos observando as relações de maturação emocional. Embora não concorde com todas as ideias de Sigmund Freud, não se pode negar que o “pai” da psicanálise foi pioneiro nos estudos sobre a sexualidade infantil, considerando os instintos como princípio fundamental no desenvolvimento e destacando a importância de se aprofundar nesse tema. Winnicott, embora reconhecesse a contribuição crucial de Freud para a psicanálise, diferencia-se dele ao focar na experiência emocional do indivíduo e na importância do ambiente e das figuras parentais no desenvolvimento psíquico.

Ele propôs que a saúde mental dependesse, em grande parte, da qualidade das relações iniciais, especialmente aquelas entre mãe e filho, e de conceitos dinâmicos como o “objeto transicional” e o “espaço potencial”. Para Winnicott, o desenvolvimento emocional saudável ocorre quando uma criança se sente segura o suficiente para explorar o mundo e suas próprias emoções (Winnicott, 1965).

7 *Self* é a sensação de identidade que o indivíduo desenvolve ao longo da vida. Ele distingue dois tipos principais: o *self* verdadeiro e o *self* falso. O *self* verdadeiro surge quando o bebê é acolhido em um ambiente suficientemente bom, onde suas necessidades são atendidas com sensibilidade, permitindo a expressão autêntica de sentimentos e desejos. Já o *self* falso aparece quando o bebê precisa se adaptar excessivamente às demandas externas, reprimindo sua espontaneidade para garantir aceitação. Para Winnicott, o desenvolvimento do *self* está diretamente ligado à qualidade do vínculo com o cuidador e à experiência de segurança emocional nos primeiros anos de vida (Kloutau; Salem, 2009).

Cada indivíduo surge, desenvolve-se e torna-se maduro; não se pode considerar a maturidade adulta como algo se parado do desenvolvimento anterior. Este desenvolvimento é extremamente complexo, e ocorre de contínuo desde o nascimento, ou desde antes, até a velhice, passando pela idade adulta. Não podemos pensar em relegar nada a segundo plano — nem as ocorrências da infância, e nem mesmo as da primeiríssima infância (Winnicott, 1965, p. 20).

Winnicott argumenta que a moralidade pessoal da criança não deve ser regulamentada e pautada unicamente pelas leis externas, mas deve ser moldada pela sua capacidade inata de se importar com os outros. A moralidade pessoal se desenvolve a partir da facilidade da agressividade e da ambivalência, na qual a criança integra tanto o impulso destrutivo quanto a capacidade de reparar os danos causados. Para Winnicott, a culpa não resulta apenas da violação de regras ou da satisfação de pulsões, mas da falha do ambiente em proporcionar à criança a possibilidade. Ele defendeu que o ambiente e as relações iniciais desempenhavam um papel crucial na formação de si e no amadurecimento emocional da criança. Embora não tenha desenvolvido uma teoria específica sobre o desenvolvimento psicosssexual, Winnicott criou conceitos relacionados ao desenvolvimento emocional, que são essenciais para o crescimento psicosssexual. Para ele, o ambiente “suficientemente bom”, proporcionado pela mãe, é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança. Esse ambiente é capaz de oferecer o *holding*, uma sustentação emocional que a criança recebe do cuidador primário, e o *Handling*<sup>8</sup>, um manejo físico entre cuidador e bebê. Estas sustentações emocionais são fundamentais para o desenvolvimento psíquico, que, por sua vez, é essencial para a segurança da criança (Barretta, 2012).

Dentro desse contexto, o desenvolvimento psicosssexual ocorre como parte do amadurecimento emocional, onde a criança começa a diferenciar o “eu” do “não-eu”, passa a reconhecer a realidade externa e a integrar suas experiências internas. A sexualidade infantil, embora não seja o foco principal de Winnicott, é vista como parte desse processo de desenvolvimento emocional, onde a criança experimenta e integra suas fantasias e desejos dentro de um ambiente seguro e facilitador (Kloutau; Salem, 2009).

Portanto, para Winnicott, o desenvolvimento psicosssexual está mais relacionado ao crescimento emocional e à formação do eu do que às fases específicas de desenvolvimento sexual descritas por Freud. A ênfase recai sobre a importância das primeiras experiências e do ambiente no qual a criança se desenvolve, que moldam a maneira como ela lida com os seus impulsos e desejos ao longo da vida (Barretta, 2012).

## 2.2 Winnicott e as primeiras interações entre a mãe e o bebê

Segundo Winnicott (2012), os bebês necessitam de carinho, amor e compreensão maternos. A mãe, ao conhecer bem seu bebê, torna-se a mais indicada para atendê-lo, sendo o choro a principal forma de comunicação de suas necessidades. Como já pontuado anteriormente, Winnicott destaca que um bebê não pode existir isoladamente, pois sua constituição biológica e psíquica depende da relação com a mãe, que deve ser “suficientemente boa” para proporcionar um ambiente propício ao seu desenvolvimento.

A mãe desempenha funções essenciais, como o *holding*, que envolve a sustentação física e emocional, criando uma rotina estável; o *handling*, que se refere ao manejo físico, como troca de fraldas e banho,

8 *Handling* refere-se à maneira como o cuidador manipula fisicamente o bebê no dia a dia, como ao segurá-lo, alimentá-lo, trocá-lo ou embalá-lo. Essas interações vão além do aspecto físico, pois carregam significados emocionais importantes para o bebê, ajudando-o a sentir-se compreendido e integrado ao ambiente. Um *handling* sensível e atento contribui para que o bebê desenvolva um senso de conforto no próprio corpo e confiança nas relações. Por outro lado, um *handling* inadequado pode gerar desorganização psíquica e dificuldades na percepção corporal (Kloutau; Salem, 2009).

promovendo o bem-estar do bebê e sua integração psíquica; e a apresentação de objeto, que ajuda o bebê a acreditar que o mundo pode satisfazer suas necessidades. O autor enfatiza que a formação de adultos saudáveis e socialmente preocupados depende de um início sólido, assegurado pelo amor materno (Winnicott, 1965).

Historicamente, a figura paterna era mais autoritária e menos envolvida emocionalmente. No entanto, as mudanças sociais recentes têm promovido um equilíbrio maior nos papéis parentais, permitindo que pais e mães contribuam igualmente para o desenvolvimento psicológico de seus filhos. Assim, a perspectiva psicanalítica destaca a importância da interação entre as figuras parentais e a criança, ressaltando que as relações iniciais e as funções dos cuidadores são fundamentais na formação da psique e da identidade do indivíduo (Gomes; Resende, 2004).

É importante situar em primeira instância que existe uma diferenciação entre mãe/pai e função materna/função paterna. Em psicanálise, quando falamos “mãe”, não é necessariamente uma figura feminina, ou quem gerou o bebê, que ocupa essa função, mas sim, quem cumpre seu papel. Essa função pode ser exercida por mãe biológica, mãe adotiva, avó ou cuidador responsável que irá cumprir com as necessidades do bebê, assumindo a função materna sem ser limitado por quem gerou o bebê. Com a função paterna ocorre da mesma forma, porém Freud explica que, se diferenciando da função materna, o pai não precisa ser uma pessoa, mas um significante castrador na vida do bebê, como, por exemplo, as figuras de poder: igreja, exército, entre outros que impõem regras e leis de forma rígida (Miguel; Braga, 2021).

Para começar a entender o desenvolvimento psicológico e emocional, Winnicott, na obra “A Família e o Desenvolvimento Individual”, explora a dinâmica inicial entre mãe e bebê, apontando como a qualidade dessa relação é fundamental para o desenvolvimento emocional saudável (Winnicott, 1965). Assim que o bebê vem ao mundo e começa a sentir suas necessidades, é de forma inata que ele procura o que pode vir a confortá-lo, encontrando como sua fonte de prazer e satisfação o seio da mãe.

Essencialmente, para a vida humana, esse gesto se repete e, a cada vez mais, vai se firmando e elaborando para que seja vivenciada a experiência de frustração e gratificação do bebê para com os seus futuros objetos. Durante a troca no relacionamento da figura materna junto ao recém-nascido, o fator principal para integração da capacidade motora, sensorial e da cognição, desde o princípio com a primeira mamada, a forma como a mãe recebe este bebê, desde o timbre de voz ou até mesmo a forma em que o acolhe em seus braços, é o que cria o apelo do crescimento e da necessidade, se baseando na maneira em que esta mãe investe em seu filho, de forma autêntica, mas com equilíbrio, para que um dia na sua fase evolutiva a relação com o seio torne um outro significado de forma única e individual (Matos, 1983).

Nos primeiros meses de vida, a mãe suficientemente boa está altamente sintonizada com o bebê, respondendo prontamente às suas necessidades físicas e emocionais. Essa responsabilidade inicial é crucial para que o bebê desenvolva um senso de segurança e confiança no mundo. À medida que o bebê cresce, a mãe suficientemente boa começa a permitir pequenas frustrações. Essa transição gradual ajuda a criança a perceber que ela e a mãe são seres distintos e que o mundo externo não satisfaz todas as suas necessidades de forma imediata.

Esse processo é essencial para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de lidar com a realidade. A mãe suficientemente boa cria um ambiente que Winnicott chama de “espaço potencial”, onde a criança pode explorar e brincar com segurança. Esse espaço é fundamental para que a criança desenvolva sua criatividade, individualidade e capacidade de se relacionar com o mundo de maneira saudável. Além de atender às necessidades físicas, a mãe suficientemente boa oferece suporte emocional, acolhendo e validando as emoções do bebê. Essa base emocional é crucial para a formação de um *self* (eu) autêntico, capaz de se

expressar de maneira genuína e de lidar com os desafios emocionais da vida (Winnicott, 1965).

Não sendo necessariamente uma figura feminina exercendo o papel de mãe, durante seu processo de desenvolvimento, o bebê tem a necessidade de um vínculo, seja com a mãe ou com quem vai exercer o papel de cuidador, já que o mesmo ainda não é capaz de suprir seus próprios desejos. Assim, é preciso a responsabilidade dessa figura materna para o desenvolvimento. O relacionamento mãe-bebê gera apoio e segurança não só em situações que representam desafios, mas também essencial para a capacidade funcional daquilo que será a personalidade da criança. Desde os primeiros meses de vida, a criança desenvolve estruturas subjetivas fundamentais que permitem gradualmente diferenciar-se da figura do cuidador, que pode ser a mãe ou outro responsável.

À medida que essas experiências se organizam, a criança constrói uma representação da sua relação consigo mesma e com o outro. Dessa relação, emergem diferentes sistemas de conduta que proporcionam prazer e troca, caso a interação seja positiva, ou afastamento, se for negativa. Esses comportamentos podem ser entendidos como um vínculo afetivo, que pode ser tanto positivo quanto negativo (Winnicott, 1965).

Para apoiar essa ideia, acredita-se que o comportamento de apego se desenvolve no bebê como resultado da sua interação com o ambiente, especialmente com a figura principal desse ambiente, geralmente a mãe. Nessa perspectiva, a criança busca manter a proximidade com seu cuidador como uma fonte de satisfação e segurança (Silva; Germano, 2015).

Além da mãe, Winnicott aborda o papel do pai no desenvolvimento do indivíduo, destacando como a figura paterna contribui para a introdução da criança na realidade externa e para a formação de limites (Winnicott, 1965). Há anos ou décadas atrás, a figura masculina estava limitada a apenas exercer seu dever patriarcal, sem espaço para a presença ativa e afetiva na vida de seus filhos (Gomes; Rezende, 2004).

O pai exercia o poder na casa, com força, para manter o círculo vicioso em que a família estava secularmente encerrada. Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com as regras estabelecidas. A importância do pai, do patrimônio e da religião reduziu, expressivamente, o espaço físico e sentimental da criança (Gomes; Rezende, 2004, p. 120).

Com o passar dos anos e com as mulheres entrando para o mercado de trabalho, foi se desfazendo aos poucos a diferenciação rígida dos papéis parentais, o que influenciou também novos arranjos de família, onde o papel do pai deixou de ser apenas aquela figura de poder, mas também estando presente durante o desenvolvimento de seus filhos, não deixando de lado suas responsabilidades de castração apresentadas por Freud, mas estando presente nos momentos de estabelecimento de limites no comportamento de seus filhos e na segurança de sua integridade física (Gomes; Rezende, 2004).

### **2.3 Mãe insuficientemente boa: quando o ambiente falha no desenvolvimento emocional do bebê**

Winnicott apresenta também a consequência que uma mãe insuficientemente boa gera na vida de seu filho, podendo ser por meio de alguma situação, ou então, a mãe propriamente real está limitada quanto às necessidades do bebê, não se identificando com elas e, além disso, substituindo-as pelas suas próprias. Existem casos em que essa mãe chega a não assumir esse papel de uma mãe real, oferecendo para seu filho a ideia de uma figura materna fragmentada, na qual pessoas diferentes assumem esse papel em situações diversas que

deveriam ser responsabilidade de sua mãe propriamente. Winnicott descreve essa mãe como alguém que não é uma pessoa, mas sim a falta que a mesma causa ao deixar de assumir seu papel e passar a ser somente um outro comum (Násio, 1995).

A pior das mães é a que, logo de início, não consegue impedir-se de atormentar, ou seja, de ser imprevisível, de passar, por exemplo, de uma adaptação perfeita para uma adaptação falha, ou de passar subitamente da intromissão para a negligência, de tal modo que o bebê não pode confiar nela, nem prever nenhuma de suas condutas (Nasio, 1995, p. 187).

Crescendo com as consequências dessa mãe negligente, é necessário primeiro entender como isso é vivenciado pelo bebê, que durante essa fase de completa dependência não entende esse ambiente falho que a mãe o apresenta, ou seja, não é experimentado por ele como as recusas de satisfações pulsionais. Com isso, ocorrem as falhas nas necessidades da criança, que acabam por gerar conflitos durante seu desenvolvimento como consequência dessa carência de satisfação.

Durante essa fase, é importante ter uma mãe que dê a devida atenção para o desenvolvimento, com os ensinamentos sobre espaço e tempo, diferenciação de objetos externos, as funções do Eu e a unificação entre o corpo e a vida psíquica. No entanto, não existindo essa realidade de função materna na vida do bebê, não é possível existir essa maturação do Eu, ficando também limitado quanto às suas funções principais (Nasio, 1995).

Winnicott apresenta variações que acredita fazer parte das angústias psicóticas vivenciadas pelo bebê imaturo quando sua mãe não cumpre com o devido papel de sustentação do Eu, sendo essa angústia algo como se sentir despedaçado, ou como se não tivesse ligação com o próprio corpo e conseqüentemente a desorientação entre espaço e tempo. O autor ainda acredita que, diante dessa carência, em diferentes variedades e graus, dessa adaptação da mãe e da forma como o filho consegue se entender diante disso, ele pode seguir para uma forma de organização patológica da personalidade.

Como exemplos, podemos citar a esquizofrenia ou autismo, não diferenciado pelo autor, ou então, o estado limítrofe, que tem seu núcleo psicótico, mas o paciente se apresenta neurótico, e dentre outros, onde a personalidade está respaldada num falso *self*, onde diante de uma mãe que está limitada quanto a corresponder às necessidades de seu filho, faz com que o mesmo as renuncie, deixando de lado a expectativa de satisfazê-las. Na fase adulta, esse indivíduo acaba se confundindo com o meio, não conseguindo fazer a diferenciação de si (Nasio, 1995).

Quando chega à idade adulta, ou não, buscando ajuda, esse indivíduo que não é mais um bebê passa por um processo de redirecionamento para alcançar aqueles processos de maturação que não foram oferecidos pela mãe na primeira infância. Esse processo só se faz possível em contextos de casos com dependências muito fortes ou absolutas com o terapeuta, que vai ocupar o papel da mãe suficientemente boa com o intuito de atender aquelas necessidades de sua criança interna para o seguimento do seu processo de maturação (Nasio, 1995). Apesar disso, é necessário deixar claro que em momento algum Winnicott tentou ou decretou uma maneira correta da mãe exercer sua função, sendo incapaz de algo assim ser ensinado, não sendo estudado e intelectualizado, apenas vivido e sentido, mostrando para seu filho como vale a pena viver (Lobo, 2008).

Estando no ambiente terapêutico, Winnicott explica que vai caber ao analista, quando o sujeito apresentar o falso *self* vivenciado com a relação objetal diante da mãe insuficientemente boa, apresentar a seu paciente como funciona uma relação materna suficientemente boa ocupando esse papel (Fernandes, 2013).

Em 2010, foi apresentado um estudo qualitativo, visando analisar e se aprofundar sobre os pensamentos

de Winnicott, onde o participante era um garoto de oito anos com queixa de desenvolvimento na fala sem motivo orgânico, tendo os dados fornecidos pela mãe. O estudo seguiu as considerações éticas do Conselho Nacional de Saúde e do Conselho Federal de Psicologia, iniciando-se com uma leitura crítica das obras de Winnicott e os atendimentos feitos em um hospital público com a criança e seus familiares. Ocorreram sessões semanais com 45 minutos de duração, tendo ausência a cada oito ou quatro semanas (Telles; Sei; Arruda, 2010).

Iniciando o atendimento com a mãe, durante a entrevista inicial, a mesma respondia às perguntas falando sempre no passado, sendo relatado para a psicóloga quando questionada o motivo disso foi a resistência que a mãe apresentou ao levar o filho para a terapia, o que ocorreu após muita insistência do médico da criança. A mãe relatou que o filho não dialogava, nem mesmo quando alguém falava com ele, na escola era violento com a professora e consigo mesmo quando contrariado e sempre brincava sozinho, em casa ele xingava e costumava mentir para os familiares, e por falas da mãe relatou que costumava negar que era mãe dele, mas depois se arrependia.

Ela informou também que a gravidez foi conturbada, havendo muitas brigas com o pai da criança, que jogava e bebia muito, se separando do mesmo no 6º mês de vida do filho, dizendo também que não amamentou, pois o bebê não aceitou o seio. Ainda quando bebê, a mãe não conseguia se direcionar a ele como mãe, então, quando chorava, ela dizia “vem com a tia” (Telles; Sei; Arruda, 2010).

Na primeira sessão com o garoto, a psicóloga perguntou se ele sabia o motivo de estar ali e o mesmo disse que não falava com ninguém, relatando “sou mudo”. Com a caixa lúdica aberta em sala e com a explicação da psicóloga de que o garoto poderia brincar da maneira que quisesse, de primeiro momento o garoto não se moveu, mas após um tempo o mesmo começou a procurar por um quebra-cabeça, mas se deparando com um “pega-varetas” e acabando por escolher o mesmo, jogando com a profissional até o final da sessão. Assim seguiram-se as próximas cinco sessões, com o padrão de passar a vez para o outro quando alguém movia as varetas, com o garoto brincando em silêncio e a psicóloga notando e o questionando se ele estava contando quantas varetas conseguia pegar, o mesmo acenou que sim ainda em silêncio (Telles; Sei; Arruda, 2010).

Foi importante que a psicóloga respeitasse o silêncio do garoto, aguardando o ritmo de seu paciente e a maneira que ele escolhia para se comunicar. No segundo mês de terapia, quando o paciente falou sussurrando quando varetas conseguiu pegar e a psicóloga falou que tinha conseguido um número maior, o menino disse: “você ganhou”. A psicóloga entendeu que a forma de seu paciente brincar sem proferir nenhum som ou ruído deveria ser respeitada, aceitando sua comunicação silenciosa da mesma forma que a mãe suficientemente boa faz com seu filho, com o objetivo de amá-lo e protegê-lo, mesmo sendo angustiante para o paciente e terapeuta, mas foi necessário que essa comunicação apenas sentida ocorresse para que o garoto um dia pudesse se comunicar pelo meio da fala, mesmo que se iniciando de maneira tímida e sussurrando.

Mesmo acostumado com as sessões, o paciente seguiu esperando o aval da psicóloga para mexer na caixa de brinquedos, onde a profissional sempre buscava lhe proporcionar um ambiente criativo e facilitador onde se sentisse acolhido e protegido, oferecendo a ele um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento saudável da criança (Telles; Sei; Arruda, 2010).

Em várias sessões, pedia para que a psicóloga desenhasse algo para ele. Pedia régua para desenhar e sempre repetia que não sabia fazer, demonstrando dificuldade em criar coisas. Em relação à dificuldade de criar, Winnicott (1970/1999c) comenta que a criação depende de a pessoa “ser” para depois “fazer”. Parece que “ser” dependeria de um ego fortalecido, de um ambiente facilitador que permitisse à criança “existir” em um ambiente com mais liberdade e menos dependência (Telles; Sei; Arruda, 2010, p. 119).

Foi entendido que a queixa inicial de que o paciente possuía a impossibilidade de conversar na escola, ou então na terapia, poderia levantar a hipótese de que as falhas no desenvolvimento em relação à comunicação verbal podem estar relacionadas à falha também na apresentação de um ambiente saudável, facilitador e acolhedor no início da vida do garoto.

Com as falas da mãe, é possível imaginar que o processo de construção do verdadeiro *self* não foi eficaz. A mãe apresentou sua dificuldade em se colocar na função materna, não conseguindo chamar o garoto de filho e também não se nomeando como mãe, não somente ela falhando, mas também o pai, que, segundo as queixas, não pegava o bebê no colo quando estava chorando no berço, os profissionais da saúde que não estavam presentes para auxiliar a mãe, assim como os demais familiares que não desempenharam seu papel de apoio, causando um ambiente falho (Telles; Sei; Arruda, 2010).

É pertinente supor que a dificuldade de expressão verbal do garoto pode estar relacionada com uma defesa pautada pela busca da manutenção de uma comunicação silenciosa primitiva, que significaria a garantia da sobrevivência psíquica diante de um ambiente que não havia se configurado, até então, como suficientemente bom (Telles; Sei; Arruda, 2010, p. 120).

Ao final desse estudo, podemos notar o quão significativo e relevante são as dinâmicas familiares e a complexidade que afetam o desenvolvimento infantil. As reflexões de Winnicott sobre o ambiente facilitador nos mostram que o acolhimento e a presença atenta são fundamentais para que uma criança possa se expressar e se desenvolver plenamente. O caso em questão evidencia o quanto o respeito ao ritmo e às necessidades individuais pode abrir caminhos para a comunicação e a construção de um *self* fortalecido, mostrando como o acolhimento afetivo e o suporte adequado são pilares essenciais para que a comunicação e o verdadeiro *self* possam se manifestar e se desenvolver.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos vínculos iniciais entre mãe e bebê, fundamentada principalmente na obra de Donald Woods Winnicott, este trabalho destacou a importância do ambiente afetivo familiar no desenvolvimento emocional da criança. A figura da “mãe suficientemente boa”, que proporciona um ambiente seguro e acolhedor, revelou-se central para a construção de um bebê saudável e bem estruturado. Nesse contexto, a transição gradual da dependência para a independência, facilitada pela mãe ou pela figura cuidadora, é um processo fundamental para a maturidade.

Além disso, a participação do pai também foi abordada como parte essencial no desenvolvimento da criança, especialmente na introdução à realidade externa e na imposição de limites. A revisão dos papéis tradicionais de mãe e pai indicou que, no ambiente contemporâneo, a flexibilidade desses papéis permite que ambos contribuam de maneira significativa e afetuosa para o crescimento emocional do filho.

No decorrer do trabalho, entendemos que tanto os cuidados maternos quanto a função paterna desempenham papéis complementares e transformadores no processo de maturação da criança. Essas primeiras interações influenciam não apenas o desenvolvimento emocional, mas também a capacidade da criança de lidar com frustrações e estabelecer uma identidade sólida.

As reflexões de Winnicott sobre a função materna nos ajudam na compreensão do quanto o cuidado e o vínculo afetivo são essenciais para o desenvolvimento emocional saudável de uma criança. Quando a mãe,

ou quem ocupa essa função, é capaz de responder de forma acolhedora e sensível às necessidades do bebê, ela oferece um ambiente onde ele pode se sentir seguro, aceito e, acima de tudo, amado. Essa presença emocional não precisa ser perfeita, mas deve ser suficientemente boa para que o bebê consiga se desenvolver de maneira integrada, construindo uma relação de confiança consigo mesmo e com o mundo.

Por outro lado, Winnicott nos alerta para os efeitos de uma mãe que, por qualquer motivo, não consegue exercer esse papel. Quando a criança é exposta a um ambiente de incertezas, onde suas necessidades não são atendidas ou são constantemente frustradas, ela começa a desenvolver estratégias de defesa, muitas vezes construindo um “falso self” para se proteger. Na vida adulta, essa pessoa pode enfrentar dificuldades em se conectar com seus próprios sentimentos e com os outros, buscando preencher vazios emocionais que ficaram da infância.

Entender esse processo nos leva a valorizar a importância de uma presença emocional estável, não só no papel da mãe, mas também na função do terapeuta, que muitas vezes assume essa posição de acolhimento para ajudar o indivíduo a se reconectar com partes de si mesmo que foram deixadas de lado. No ambiente terapêutico, o analista tem a oportunidade de oferecer uma experiência relacional restauradora, na qual o paciente pode revisitar seu desenvolvimento emocional e encontrar novas formas de amadurecimento, mesmo que esse processo leve tempo e demande confiança.

Essas reflexões reforçam o valor de um cuidado afetuoso e atento na primeira infância e ressaltam que, mesmo diante de falhas iniciais, o ser humano é capaz de encontrar caminhos de reconstrução emocional. A teoria de Winnicott não nos dá uma receita para ser “a mãe ideal”, mas nos mostra a importância de ser presente e autêntico no papel materno, permitindo que cada criança sinta que vale a pena viver e explorar o mundo, em segurança e com curiosidade.

Este estudo considera que um ambiente familiar equilibrado e acolhedor, no qual os cuidadores assumem suas funções de maneira afetuosa e responsiva, é essencial para o desenvolvimento psíquico saudável da criança. Esse tipo de ambiente proporciona segurança emocional e permite que a criança explore o mundo com confiança, favorecendo seu crescimento afetivo e cognitivo.

Nesse sentido, torna-se fundamental refletir sobre a qualidade das relações familiares e buscar apoio para que estas sejam baseadas em afeto, compreensão e estabilidade, pois essas interações são componentes vitais no processo de construção da identidade e da saúde mental infantil.

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender o impacto profundo que o ambiente familiar tem na formação emocional e psíquica de uma criança. A teoria de Winnicott nos ensina sobre a importância do vínculo inicial entre mãe e bebê, destacando o papel essencial de uma presença atenta, sensível e acolhedora. Essas reflexões, porém, vão além de conceitos teóricos e nos convidam a olhar para a prática do cuidado com mais empatia e humanidade.

Cuidar de uma criança não se resume a atender suas necessidades físicas, mas envolve também nutrir seu mundo emocional, oferecendo segurança, amor e confiança. Em um cotidiano que muitas vezes é marcado pela pressa e pelas demandas externas, é essencial lembrar que gestos simples, como ouvir, acolher e estar presente, têm o poder de transformar vidas.

Mais do que apontar responsabilidades, este estudo busca sensibilizar para a importância de criar um ambiente em que as crianças se sintam seguras e amadas, em que possam crescer livres para explorar o mundo e construir sua identidade de forma saudável. Ao fortalecer os laços familiares e valorizar o cuidado afetivo, estamos contribuindo não apenas para o bem estar das crianças de hoje, mas também para o futuro de adultos emocionalmente íntegros e capazes de estabelecer conexões genuínas em suas relações.

## REFERÊNCIAS

- BARRETTA, João Paulo F. A origem da moralidade em Freud e Winnicott. **Winnicott e-prints**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 114-125, 2012. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-432X2012000100005&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-432X2012000100005&script=sci_arttext). Acesso em: 21 Ago. 2024
- FERNANDES, Andréa Hortélio. A RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA: CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS NA PSICANÁLISE. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 62–70, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/7706>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 119–125, maio 2004. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/h4rx5mxRwhs5shXF5sGbkLG/?lang=pt#>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- GUTIERREZ, Denise Machado Duran; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-24, dez. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217525912011000200002&lng=pt&nem=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217525912011000200002&lng=pt&nem=iso). Acessos em: 26 fev. 2024.
- KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Natureza humana**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 33-54, 2009. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302009000200002&script=sci\\_arttext](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302009000200002&script=sci_arttext). Acesso em: 16 Out. 2024
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOBO, Silvia. As condições do surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, [s. l.], v. 42, n. 4, p. 67-74, 2008. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2008000400009](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009). Acesso em 08 Out. 2024
- MATOS, António Coimbra de. O desenvolvimento infantil na perspectiva psicanalítica. **Análise Psicológica**, [s. l.], v. 3, p. 477-486, 1983. Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1702/1/AP%203\(4\)%20477-482.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1702/1/AP%203(4)%20477-482.pdf). Acesso em: 26 fev. 2024.
- MIGUEL, Joelson Rodrigues; BRAGA, Heuthelma Ribeiro. Édipo e castração: Aspectos atinentes a constituição do sujeito. **ID on line: Revista de psicologia**, [s. l.], v. 15, n. 57, p. 532-561, 21 out. 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3239/5067>. Acesso em: 13 Set. 2024.
- NÁSIO, Juan David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1995.
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. **Teorias da Personalidade**. 3. ed. São Paulo, 2019.
- SILVA, Maria Rosimere da Conceição; GERMANO, Zeno. Perspectiva psicanalítica do vínculo afetivo: o cuidador na relação com a criança em situação de acolhimento. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 37-53, 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S21770612015000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S21770612015000200004&lng=pt&nrm=iso). Acessos em: 26 fev. 2024.
- STEINWURZ, Denise Aizemberg. **Donald Woods Winnicott**. Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/donald-woods-winnicott/> Acesso em: 26 set. 2024.

TELLES, Josiane Cristina Coradi Prado; SEI, Máira Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Comunicação silenciosa mãe-bebê na visão winnicottiana: reflexões teórico- clínicas. **Aletheia**, Canoas , n. 33, p. 109-122, dez. 2010. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942010000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300010&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 05 nov. 2024.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Ambiente e os Processos de Maturação**: Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.